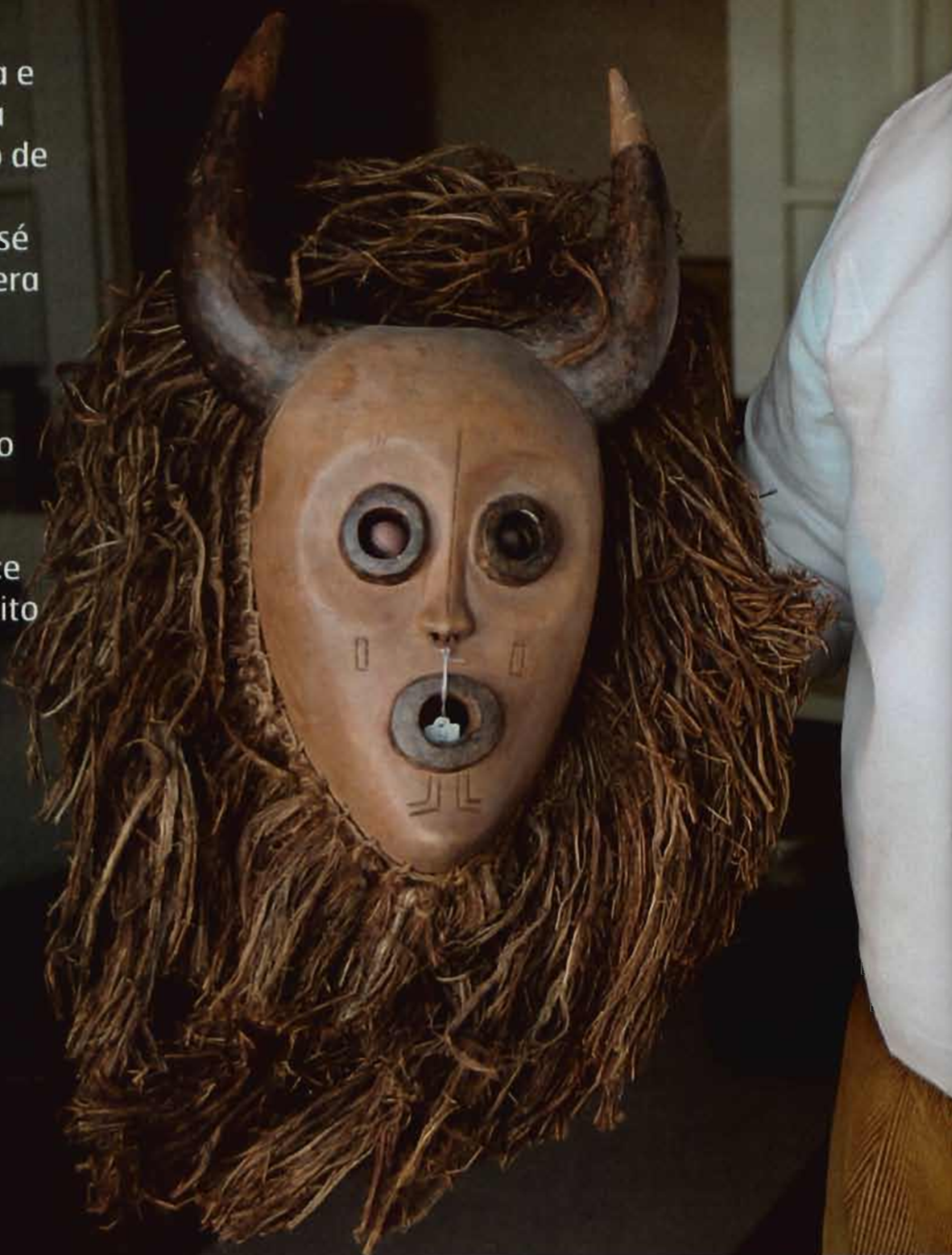


O TESOURO IGNORADO DE JOSÉ REDINHA

Um importante acervo documental para a História e cultura de Angola continua fechado num apartamento de Lisboa. O espólio do antropólogo e etnólogo José Redinha (1905 -1983) espera pela resolução de divergências entre os proprietários. A única boa notícia sobre a obra do investigador é a promessa da publicação de alguns inéditos, pois só se conhece uma parte diminuta do muito que deixou escrito antes de morrer, em Lisboa, aos 78 anos

Texto de LEONOR MENEZES FIGUEIREDO
Fotografias de RAQUEL WISE





A ENTRADA PERFILAM-SE estantes repletas de estatuetas, máscaras, pontas de lança. No chão, encostados à parede, vemos desenhos a carvão emoldurados, da autoria de Redinha – rostos de africanos, identificados e datados. O surpreendente espólio de José Redinha está guardado num apartamento, em Lisboa, que mais parece um espaço museológico em fase de montagem. Continuamos a viagem, como visitantes atentos. A sala está rodeada de peças de vários tamanhos, em cerâmica, madeira e marfim, livros e dossiês daquele que foi responsável, nos anos 30 e 40, pelo levantamento de estações arqueológicas, e nos anos 60 por trabalhos etno-sociológicos na região pastoril do Humbe, além da investigação de monumentos tumulares megalíticos no Kwanza-Sul e em Malanje.

Detemo-nos na máquina de escrever, uma Triumph de tampo metálico, companheira das missões, em teclado 'azert', onde Redinha escreveu páginas incontáveis. Sete malas de porão antigas amontoam-se na cozinha – algumas ainda em chapa – repletas de envelopes, com fotografias e material etiquetado pelo autor, tudo sempre sobre Angola.

«Já foram efectuadas algumas tentativas de venda do espólio, nomeadamente a instituições angolanas, mas, por uma razão ou por outra, todas se goraram», revela Alberto Santos, amigo de José Redinha e da família. «A minha colaboração tem sido no sentido de não se dispersar um material tão rico, que deveria estar ao dispor da comunidade científica, através de um museu ou de uma outra instituição que o preservasse e o desse a conhecer. A documentação não está mexida. Apesar de não ter sido objecto de tratamento especialmente adequado, o espólio está como o deixou José Redinha, um homem especialmente metódico».

Esta colecção possui três núcleos: o da figuração etnográfica, que integra algumas centenas de peças; o da documentação, com originais de livros publicados, originais inéditos, apontamentos sobre as missões e campanhas de Redinha, milhares de fotografias e manuscritos avulsos sobre as mais »



MARFINS TRABALHADOS E PEQUENAS FIGURAS DE ADIVINHAÇÃO

variadas matérias. Por último, o da obra plástica do próprio Redinha, que inclui desenhos a carvão e a tinta-da-china.

Um apelido inventado

Será sempre José Redinha. Mas este não era, porém, apelido de nascimento. Ao investigar a biografia do amigo, Alberto Santos surpreendeu-se ao verificar que o apelido Redinha não consta na certidão de nascimento. «Só tardiamente começou a assinar Redinha. O documento mais antigo data de 1928. Ainda não sei o porquê. No jornal *A Pátria* de 1 de Janeiro de 1935 surge um 'Desenho de Redinha'. Poderá ter-se atribuído o apelido, para usar como pseudónimo artístico».

José Pedro Domingues Redinha não tinha raízes em África. Ao que se sabe, »

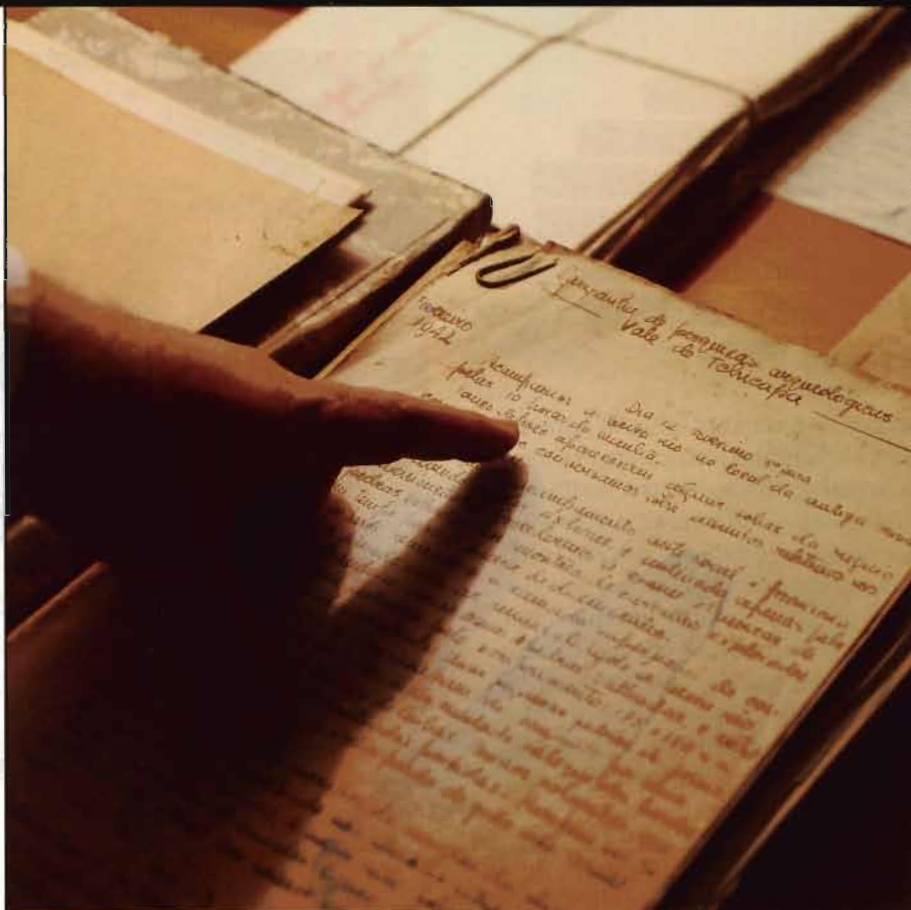
**SERÁ SEMPRE JOSÉ REDINHA,
MAS ESTE NÃO ERA, PORÉM,
APELIDO DE NASCIMENTO.
«SÓ TARDIAMENTE COMEÇOU
A ASSINAR REDINHA»**



O ESCRITÓRIO DO APARTAMENTO LISBOETA QUE ABRIGA A HERANÇA DEIXADA POR REDINHA



UM SOBA BRANCO. ALGUMAS DÉCADAS APÓS TER DESEMBARCADO EM ANGOLA E SE TER DEDICADO DE ALMA E CORAÇÃO AO TRABALHO ETNOGRÁFICO EM TERRAS DA LUNDA, JOSÉ REDINHA RECEBEU O TÍTULO DE SOBA, UM RECONHECIMENTO DA ALTA HIERARQUIA AFRICANA, PELA FORMA COMO INTERAGIA E COMUNICAVA COM AS POPULAÇÕES. EM 1959, FOI INVESTIDO SOBA DA COMUNIDADE TCHOKWÉ PELO SOBA SAKAVULA TXIVUNDA TCHA KÓJI (NA FOTO COM O AUTOR). REDINHA, O SOBA BRANCO, FACTO PROVAVELMENTE ÚNICO, PASSOU A SER TRATADO POR MWATA KAPUMA (SOBA FEITIÇEIRO)



DIÁRIOS DE CAMPANHA AINDA VIRGENS

FOLHEAMOS algumas páginas de um dos seis volumes manuscritos por José Redinha entre 1943 e 1946, durante a 'Campanha de Pesquisas Arqueológicas no Vale de Tchicapa', região fronteiriça com a República Democrática do Congo. São papéis amarelados pelo tempo, que se encontram como os deixou José Redinha, então com 38 anos, notas do seu trabalho ao serviço do Museu do Dundo, para o qual chefiou missões de reconhecimento territorial e étnico nos interiores da Lunda e do Alto Zambeze. Delas deixou desenhos, fotografias e considerações sobre os 15 mil quilómetros percorridos a pé, incluindo registos de algumas centenas de cursos hidrográficos. Identificou a verdadeira nascente do Rio Kwango, tomada por uma outra, a do Rio Cuafo.

A 12 de Fevereiro de 1942, escreveu: «Acampámos à beira-rio no local da antiga mina pelas 10 horas da manhã. Pouco depois apareceram alguns sobas da região com quem conversámos (...)». Assim começa um dos diários que nos remete para uma das muitas histórias da sua vida. Dias depois pormenorizava: «(...) De manhã visitámos um antigo cemitério onde fizemos uma escavação. A pouco mais de 60 cm encontrou-se o esqueleto. Estava deitado de costas de 'corpo' estendido. Não havia objectos na sepultura e não pareceu de utilidade continuar a exumação, pelo que de novo foi inhumado. Um homem que trabalhava a pá bateu-lhe nos pés com a alfaia quando se procedia à busca do esqueleto. Saltou rápido para fora da cova, gritando: – Já te cheguei mas não me faças mal, faz mal a quem matou (...). Os negros ficaram impressionados e olhavam constantemente para os lados de onde deveria surgir um rapaz enviado pelo encarregado do pessoal (capataz) Filipe, homem entendido nestas coisas que mandou ao acampamento buscar pemba (argila branca 'Kaolino') usada nas praxes religiosas e que se destina nestes casos a atestar estado de pureza, diga-se, brancura de intenções. A pemba chegou por fim. Os homens foram pintados, e eu, (e porque não?) seguindo o adágio que diz 'em Roma sê romano', também recebi uma pitada, modesta embora, no pulso da mão direita. O meu cão, Cassai, foi chamado e recebeu também um traço na 'testa'. Enfim, os quiocos lá sabem até onde chega a força vingativa dum morto (...)».

**FOI FUNCIONÁRIO DA
ADMINISTRAÇÃO CIVIL ATÉ
1936, ANO EM QUE A SUA VIDA
MUDOU, QUANDO OS AMIGOS
PROMOVERAM UMA EXPOSIÇÃO
COM OS SEUS OBJECTOS
ETNOGRÁFICOS**

foi o único da família a migrar para Angola. Nasceu em Alcobaça, em 1905, fez o liceu em Lisboa e, aos 23 anos, partiu para a ex-colónia como jornalista e desenhador de arte, a bordo do Lourenço Marques, acompanhando um grupo de deportados políticos. Foi funcionário da Administração Civil até 1936, ano em que a sua vida mudou, quando os amigos promoveram uma exposição com os objectos etnográficos que Redinha recolhera. Daí surge o convite da Companhia dos Diaman-



BAÚS COM DOCUMENTOS



DESENHOS DA AUTORIA DE REDINHA



O APARTAMENTO EM LISBOA, ONDE SE ENCONTRA O ESPÓLIO DE JOSÉ REDINHA. É UM AUTÉNTICO MUSEU

tes de Angola (Diamang), que o catapultou para outro patamar, tendo em vista a criação de um futuro museu etnográfico. Aliás, as peças desta exposição foram as primeiras a entrar no Museu do Dundo (onde vivia), que Redinha fundou, organizou e dirigiu ao longo de 23 anos.

Por razões de saúde, foi para Luanda em 1959, onde trabalhou no Museu de Angola até 1961. Ingressou depois no Instituto de Investigação Científica de Angola como investigador autodidacta. Aí chefiou o Departamento de Ciências Humanas e a Divisão de Etnografia e Etnologia.

Só aos 61 anos se licenciou em Ciências Sociais, no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina. Lecionou cadeiras na Universidade de Luanda, nomeadamente Origens do Homem e da Civilização e Sociedades e Economias Tradicionais de Angola. Em 1975, no período de transição, e após a independência de Angola, foi director-geral do Ensino Superior e anos depois etnólogo-consultor da secretaria de Estado da Cultura. De 1976 até à sua morte, dividiu-se entre os dois países, com estadias prolongadas em Angola, onde sempre desenvolveu vários projectos.

Teve uma produção científica abundante, embora parte substancial continue desconhecida. E não publicou pouco: 47 trabalhos e 372 artigos em jornais e revistas nacionais e internacionais. As obras, hoje

ALBERTO SANTOS ESTÁ A TRABALHAR NUMA HOMENAGEM A JOSÉ REDINHA, ONDE SE INTEGRARÁ A PUBLICAÇÃO DE UM INÉDITO

esgotadas, não foram reeditadas, à excepção de **Etnias e Culturas de Angola**, objecto de uma edição fac-similada, em 2008, pela Associação das Universidades de Língua Portuguesa. No núcleo gráfico incluem-se reproduções e registos do passado, grande parte já desaparecidos. É esse o caso dos originais das 'Paredes Pintadas da Lunda', tal como as conheceu e fielmente copiou nos anos 30 – cujos padrões foram reproduzidos na Trienal de Arte de Luanda, em 2006.

Alberto Santos está a trabalhar numa homenagem a José Redinha, onde se integrará a publicação de um inédito, tema de conversa entre ambos uma semana antes de morrer – **A Metalurgia Tradicional do Ferro em Angola**. «Trata-se de uma obra que José Redinha deixou praticamente concluída e que vai sair em 2012. Será o primeiro inédito editado após a sua morte. Os promotores apostam numa edição a cores, de qualidade, com cerca de 190 páginas».

Entre os inéditos incluem-se ainda um **Manual de Etnografia de Angola**, notas

sobre a **Circuncisão e Ritos de Passagem, Instituições Tradicionais Angolanas, Tatuagens, Desenhos Africanos, Simbologia**, apontamentos sobre a **História da Lunda e de Angola, Geografia Africana**, considerações sobre os povos Kikongu, Kimbundu, Ganguelas e Bapendes. De realçar também os **Diários de Campanha**, verdadeiras crónicas de viagem por uma Angola de há 80 anos. ●



REDINHA DURANTE UMA DAS SUAS MUITAS CAMPANHAS